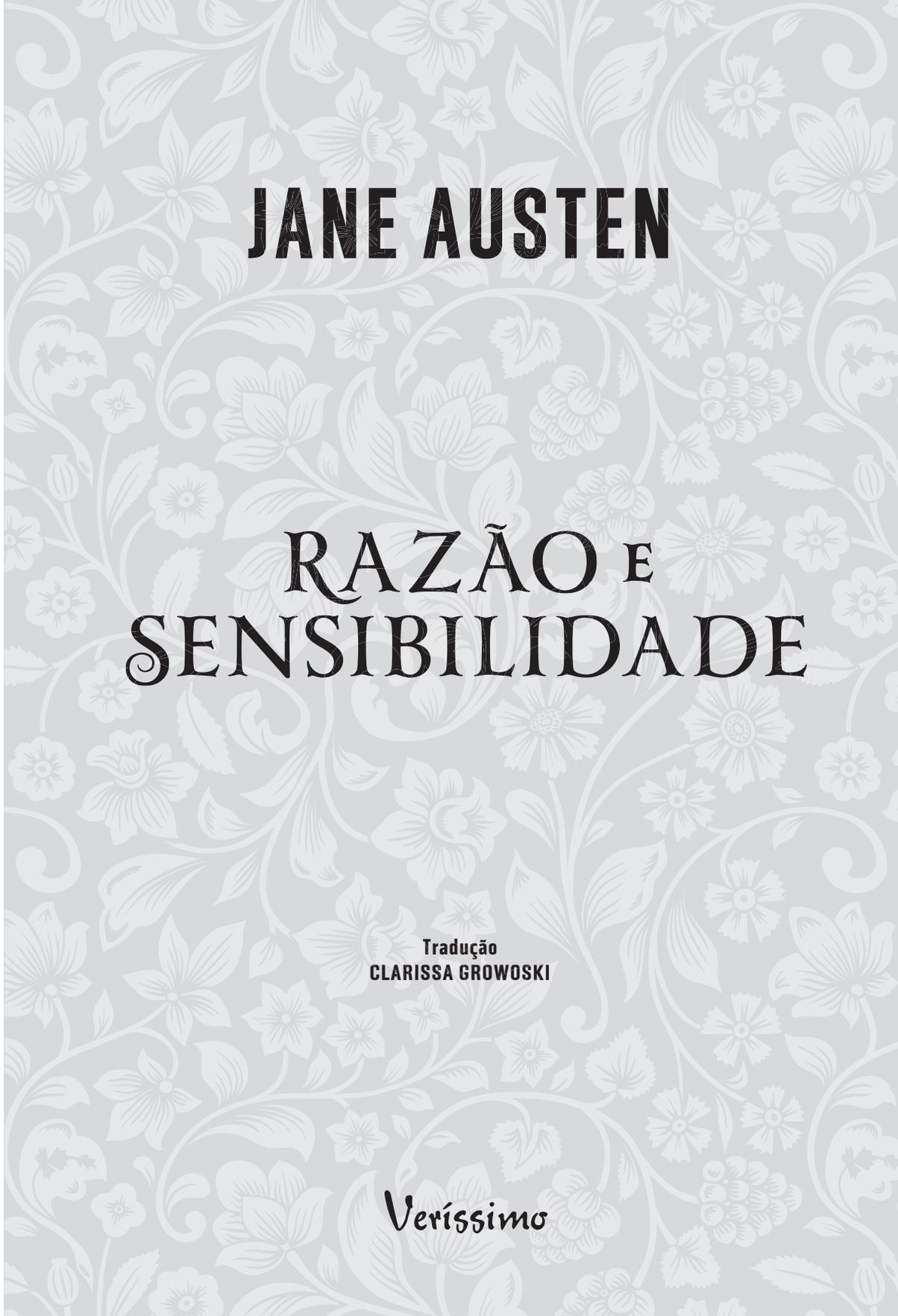




JANE AUSTEN

RAZÃO E SENSIBILIDADE

Veríssimo



JANE AUSTEN

**RAZÃO E
SENSIBILIDADE**

Tradução
CLARISSA GROWOSKI

Veríssimo

Apresentação

por Eduardo Levy

Como é em geral o caso nos romances de Jane Austen, há em *Razão e sensibilidade* pelo menos dois níveis de sentido: o que parece, na superfície, uma simples história de amor é, quando a penetramos profundamente, uma história sobre maturidade, crescimento pessoal, honra e compromisso, na qual o amor é produto do cultivo da personalidade pelos valores corretos e da síntese entre razão e sensibilidade. A distância temporal e geográfica que parece nos separar das personagens do romance também está somente na superfície: sua trama profunda é mais atual do que nunca, pois como todo clássico, esta obra fala a todas as pessoas em todos os tempos.

Publicado em 1811, o romance narra a história de duas irmãs da família Dashwood, Elinor e Marianne, que, sendo duas jovens solteiras de respectivamente dezenove e dezessete anos, filhas de um herdeiro agrário na Inglaterra do século xviii, têm somente uma preocupação: fazer um bom casamento com um bom marido. A ideia do que constitui um bom casamento e um bom marido, porém, passava à época por uma transformação radical.

Até então, o casamento entre aristocratas era sobretudo uma escolha baseada na razão que unia noivos de posição social e riqueza semelhantes: o afeto entre o par era bem-vindo, mas dispensável. Contra esse tipo de racionalidade, surgiu o chamado “movimento sentimental”, que contrapunha à frieza do racionalismo o ardor de um coração sensível: surge o casamento por amor. Para Mrs. Dashwood, mãe das irmãs, “era contrário a seus valores que qualquer casal onde havia atração mútua por semelhanças de temperamento deveria ser separado por causa de diferença de posses”. No decorrer da obra, porém, a necessidade de separar casais onde há atração mútua por causa de diferenças de posses (e considerações materiais de modo geral) é uma constante. É precisamente esse conflito entre razão e sensibilidade, tanto na personalidade individual quanto na escolha do cônjuge, que é o pano de fundo do romance.

Elinor, a irmã mais velha, “tinha um bom coração, era afetuosa e muito sensível, mas sabia controlar-se”, ao passo que Marianne, embora “em muitos aspectos, parecida com Elinor”, era “em tudo, excessiva: sua tristeza, sua alegria, não tinham moderação. Era generosa, amável, interessante: era tudo, menos prudente”. Elinor submetia os sentimentos à razão, ao passo que para Marianne fazê-lo seria uma farsa: “Era impossível para ela dizer o que não sentia, por mais trivial que fosse a ocasião e, portanto, toda a tarefa de contar mentiras quando a educação exigia era sempre de Elinor.”

É natural, pois, que Marianne não só esperasse casar-se com um homem a quem amasse, mas que exigisse tanto para amá-lo quanto qualquer moça de dezessete anos de qualquer tempo: “Mamãe, quanto mais conheço o mundo, mais fico convencida de que nunca encontrarei um homem a quem possa realmente amar. Sou tão exigente!”. Pois, afirma, “eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem em todos os quesitos com o meu. Ele precisará entender meus sentimentos; os mesmos livros, a mesma música deve nos encantar.”

Mais natural ainda é que Marianne, também como costuma acontecer às mocinhas de dezessete anos, esnoabe um bom partido, o coronel Brandon, homem de bom caráter e boas

posses, que seria a escolha racional, por achá-lo demasiado tedioso e demasiado velho, apaixonando-se em vez disso pelo primeiro bonitão com pinta de cafajeste que aparece. Willoughby “tinha a aparência e o porte que sua imaginação já havia criado para o herói de uma história favorita”. A própria encarnação da sensibilidade, Marianne deixa-se levar pela imaginação e pelas emoções, confundindo o que sente com os fatos. Quando descobre que o herói que criara na sua imaginação estava, na realidade, mais para vilão, quem está ao seu lado para ampará-la na queda é o desprezado coronel Brandon, cuja bondade e cujo valor ela então descobre. A decepção a obriga a fazer um exame de consciência, reconhecer os próprios erros e corrigir-se: “Vi em meu próprio comportamento, desde o início quando o conhecemos no outono passado, uma série de atitudes imprudentes para comigo mesma e falta de bondade para com os outros. Vi que meus próprios sentimentos causaram meu sofrimento... fui insolente e injusta... irei controlar meus sentimentos e melhorar meu temperamento.”

Assim, Marianne só pode ser feliz no amor quando, por meio da dura lição absorvida através do coração partido, passa da pura sensibilidade à razão madura, aprende a controlar os sentimentos e a imaginação e passa a valorizar num homem qualidades superiores, menos superficiais e conspícuas. Trata-se de uma história de amadurecimento, na qual vencem o cultivo do caráter, a sinceridade de propósitos, a paciência, a generosidade e a persistência e cujo prêmio é a felicidade no amor.

Em *Razão e sensibilidade*, assim como em *Orgulho e preconceito*, não se trata tanto nem de “encontrar a pessoa certa” nem de conquistá-la, mas de tornar-se uma pessoa certa e conquistar a si mesmo, de modo que o amor é resultado do amadurecimento e do crescimento moral: não é um produto da conquista do outro, mas o prêmio pela conquista de si mesmo.

Ao final do processo de aprendizado de Marianne, ela se torna mais parecida com Elinor. Esta também conhece o príncipe encantado, Edward, mas, ao contrário da irmã, tem a prudência de conter as próprias emoções e a própria imaginação em vez de exaltá-las. Assim, quando chega, a queda é menos dolorosa porque o voo é mais baixo. Mas a queda de Elinor não se deve a nenhuma falha de caráter de Edward: eles não podem se casar porque Edward, embora ame Elinor, faz questão de ser fiel a uma promessa feita anteriormente. Diante disso, mesmo que passe a amá-lo ainda mais, ela se resigna, aceita a realidade e decide agir firmemente “em conformidade com todos seus princípios de honra e honestidade”, pois para ambos, racionais que são, a fidelidade à palavra dada é mais importante que a felicidade no amor. O resultado é que o próprio desenrolar dos fatos permite que acabem juntos: no caso deles, o amor é um prêmio pela fidelidade a valores superiores ao próprio amor, na ausência dos quais o amor não pode perdurar, pois não pode haver amor sem compromisso.

Assim, ao final de *Razão e sensibilidade*, temos não exatamente o triunfo da razão sobre a sensibilidade, mas a integração da sensibilidade à razão, a subserviência daquela a esta, a síntese entre ambas. Trata-se de uma obra de uma atualidade urgente para uma época como a nossa, em que a sensibilidade assumiu o poder e a razão só fala com a voz do cinismo ou do moralismo.

Capítulo 1

A família de Dashwood há muito havia se estabelecido em Sussex. A propriedade era grande e a residência ficava em Norland Park, bem ao centro, onde por muitas gerações viveram de maneira tão respeitável que eram bem-vistos por todos os vizinhos. O antigo proprietário era um homem solteiro que vivera até uma idade deveras avançada e que por muitos anos teve a irmã como companhia constante e governanta. Mas a morte dela, que ocorreu dez anos antes da dele, gerou grandes mudanças na residência, já que, para compensar sua perda, ele convidou e recebeu em sua casa a família do sobrinho, Mr. Henry Dashwood, herdeiro legal da propriedade de Norland e para quem pretendia deixá-la. Na companhia do sobrinho, da sobrinha e seus filhos, o velho cavalheiro passara seus dias tranquilo. Sua afeição por todos eles aumentou. A atenção constante do casal aos seus desejos, que não provinha apenas de interesse, mas por bondade genuína, oferecia-lhe todo o conforto possível que sua idade exigia e a alegria das crianças acrescentava prazer à sua existência.

Mr. Henry Dashwood tinha um filho de um casamento anterior e três filhas com a atual esposa. O filho, um jovem respeitável e resoluto, estava devidamente amparado pela fortuna da mãe, um tanto quanto polpuda, da qual recebeu metade quando se tornou maior de idade. Seu casamento, que ocorreu logo depois, aumentou ainda mais sua riqueza. Para ele, portanto, a sucessão da propriedade Norland não era tão importante quanto para as irmãs, pois o que restaria para elas, independentemente da parte que lhes cabia por seu pai ter herdado a propriedade, era uma soma pequena. A mãe não tinha nada e o pai, apenas sete mil libras ao seu dispor, pois a metade restante do dinheiro da primeira esposa estava atrelada ao filho, e do restante ele tinha apenas direito vitalício.

O velho cavalheiro morreu. O testamento foi lido e, como quase todos os testamentos, decepcionou e agradou na mesma medida. Ele não foi nem tão injusto nem tão ingrato com relação a deixar a propriedade para o sobrinho, mas a deixou com condições que aniquilaram metade do valor da herança. Mr. Dashwood queria isso mais para o bem da esposa e das filhas do que por causa dele ou do filho, mas a herança foi deixada para seu filho e para o neto, uma criança de quatro anos de idade, de tal forma que ele mesmo não pôde prover para aqueles que lhe eram mais queridos e que mais precisavam de qualquer ônus que pudessem obter da propriedade ou da venda de sua valiosa madeira. Tudo foi destinado para o benefício da criança que, em visitas ocasionais com o pai e a mãe a Norland, ganhou o afeto do tio por motivos que não são raros em crianças de dois ou três anos de idade: a dicção imperfeita, o desejo sincero de fazer as coisas do seu jeito, várias travessuras e muito barulho, como que para superar o valor de toda a atenção que o tio recebeu da sobrinha e das filhas dela durante anos. No entanto, ele não pretendia ser indelicado, e como prova de seu afeto pelas três moças, deixou mil libras para cada uma.

A decepção de Mr. Dashwood foi, a princípio, profunda, mas ele era uma pessoa alegre e otimista e poderia alimentar esperanças muito bem fundamentadas de que ainda viveria por muitos anos, e ao viver de maneira modesta conseguiu tirar uma boa quantia da produção de uma propriedade já grande e passível de melhorias quase imediatas. Mas a herança, que tinha sido tão tardia, foi sua por apenas um ano. Ele não viveu muito mais do que o tio, e dez mil libras, mais o que já tinham recebido, foi tudo o que restou para sua viúva e suas filhas.

Seu filho foi chamado assim que se soube do risco de morte, e Mr. Dashwood o encarregou, com toda a força e urgência que a doença permitiu, de cuidar dos interesses da madrasta e das irmãs.

Mr. John Dashwood não era tão compassivo quanto o restante da família, mas ficou tocado por tal responsabilidade dado o momento, e prometeu fazer tudo ao seu alcance para que ficassem confortáveis. Seu pai entregou-se facilmente à promessa, e Mr. John Dashwood teve então tempo para ponderar com prudência o que poderia fazer por elas dentro de suas possibilidades.

Não é que não tivesse boa vontade, a menos que o fato de ser bastante insensível e egoísta fossem sinônimos de má vontade. Mas era, em geral, respeitável, pois se comportava com decência no cumprimento de seus deveres corriqueiros. Se tivesse se casado com uma mulher mais amável, poderia ter sido ainda mais respeitável do que já era. Poderia até ter sido ele mesmo, uma pessoa amável, pois era muito jovem quando se casou, e muito afeiçoado à esposa. Mas Mrs. John Dashwood era uma caricatura dele próprio — ainda mais inflexível e egoísta.

Quando fez a promessa ao seu pai, pensou em como aumentar a quantia que já tinham ao presentear mil libras para cada uma. Ele realmente acreditou que poderia fazê-lo. A perspectiva de quatro mil por ano, somadas à sua renda atual, além da metade restante do dinheiro da mãe, aqueceu seu coração e o fez sentir-se capaz de ser bondoso. “Sim, ele lhes daria três mil libras: seria generoso e elegante! Seria o suficiente para que não passassem dificuldade. Três mil libras! Ele poderia ceder essa soma tão considerável sem inconvenientes.” Pensou nisso o dia todo e por muitos dias subsequentes, e não se arrependeu.

Assim que o funeral do pai terminou, Mrs. John Dashwood, sem nenhum aviso de sua intenção à sogra, chegou com o filho e os criados. Ninguém poderia contestar seu direito: a casa era do marido desde o momento da morte do pai, mas a indelicadeza da conduta foi muito pior para uma mulher na situação de Mrs. Dashwood, para uma pessoa de sentimentos comuns, haveria de ter sido muito desagradável — no entanto, a mente *dela* era dotada de um senso de honra tão aguçado, uma generosidade tão romântica que qualquer ofensa do tipo, quem quer que fosse que a causasse ou recebesse, era para ela uma grande fonte de desgosto. Mrs. John Dashwood nunca foi a favorita de ninguém na família do marido, mas ela não havia tido oportunidade, até o momento, de mostrar-lhes como poderia ser tão insensível em relação ao conforto de outras pessoas quando a ocasião assim exigia.

Mrs. Dashwood ressentiu-se por esse comportamento desagradável de maneira tão intensa que com muito fervor desprezou a nora. Após a chegada dela, teria saído da casa não fosse a súplica da filha mais velha ao induzi-la primeiro a refletir sobre a falta de decoro de fazê-lo. Seu amor pelas três filhas determinou que ficasse, e para o bem de todas evitaria uma rusga com o irmão delas.

Elinor, essa filha mais velha, cujo conselho foi tão eficaz, possuía profunda compreensão das coisas e frieza de julgamento, o que a qualificava como conselheira da mãe, embora tivesse apenas dezenove anos, e isso lhe permitia frequentemente neutralizar, em prol de todas, a impetuosidade de Mrs. Dashwood, que do contrário teria levado as demais a agir com imprudência. Ela tinha um bom coração, era afetuosa e muito sensível, mas sabia controlar-se — algo que a mãe ainda não havia aprendido, e as irmãs estavam decididas a não aprender.

Marianne era, em muitos aspectos, parecida com Elinor. Era sensata e inteligente, mas em tudo, excessiva: sua tristeza, sua alegria, não tinham moderação. Era generosa, amável, interessante: era tudo, menos prudente. A semelhança entre ela e a mãe era surpreendentemente grande.

Elinor via com preocupação o excesso de sensibilidade da irmã, mas Mrs. Dashwood valorizava e estimava essa característica. Agora elas se encorajavam mutuamente na força de sua aflição. A agonia da dor que as dominou de início era voluntariamente renovada, procurada e recriada repetidas vezes. Elas se entregaram por completo à tristeza, buscando aumentar seu sofrimento com qualquer reflexão que pudesse reforçá-la, e decidiram nunca admitir consolo no futuro.

Elinor também estava muito aflita, mas ainda conseguia empenhar-se, esforçar-se. Pôde aconselhar-se com o irmão, receber a cunhada e tratá-la com a devida atenção em sua chegada, e foi capaz de estimular a mãe para fazer o mesmo esforço e encorajá-la a ter semelhante paciência.

Margaret, a outra irmã, era uma moça bem-humorada e bem-disposta, mas como já havia se impregnado de boa parte do romantismo de Marianne, por não ser tão inteligente, aos treze anos era improvável equiparar-se às irmãs quando fosse mais velha.

Capítulo 2

Mrs. John Dashwood agora se considerava senhora de Norland, e a sogra e as cunhadas foram relegadas à condição de visitantes. Dessa forma, eram tratadas por ela com uma cordialidade silenciosa, e pelo marido, com a gentileza que era capaz de ter com qualquer um que não fosse ele mesmo, a esposa e o filho. Ele de fato insistia energicamente que considerassem Norland seu lar, e, como nenhuma outra opção era tão adequada para Mrs. Dashwood quanto permanecer lá até que pudesse acomodar-se em outra casa na região, o convite foi aceito.

Continuar em um lugar onde tudo a lembrava do antigo deleite era exatamente o que lhe convinha. Em momentos de alegria, ninguém era mais animado do que ela, ou tinha, em maior intensidade, aquela expectativa entusiasmada da felicidade que é a própria felicidade. Porém, quando se sentia triste, era igualmente levada por sua imaginação, e tanto na tristeza quanto na alegria, nada atenuava suas emoções.

Mrs. John Dashwood não concordou com o que o marido pretendia fazer pelas irmãs. Pegar três mil libras da herança de seu querido menino seria submetê-lo a um empobrecimento terrível. Implorou para que ele reconsiderasse. Como ele poderia viver sabendo que tirou do filho, seu único filho, uma quantia tão grande? E qual reivindicação possível tinham as Misses Dashwood, que eram apenas meio parentes de sangue dele, o que ela considerava que não era parentesco algum, para merecerem uma soma tão grande? Era bem sabido que não deveria existir nenhum afeto entre os filhos de diferentes casamentos. E por que ele deveria arruinar-se, e a seu pobre Harry, dando todo o seu dinheiro para as meias-irmãs?

— O último pedido que meu pai me fez — respondeu o marido — foi o de ajudar sua viúva e suas filhas.

— Ouso dizer que ele não sabia o que estava falando. É bem provável que estivesse fora de si. Se estivesse em seu juízo perfeito, não teria pensado em tal coisa: implorar que você doasse metade da fortuna de seu próprio filho.

— Ele não estipulou nenhuma quantia específica, minha querida Fanny. Só me pediu, em termos gerais, para ajudá-las e deixá-las em uma situação mais confortável do que estava em seu poder. Teria sido melhor, talvez, se ele tivesse deixado tudo por minha conta. Ele certamente não poderia pensar que eu as abandonaria. Mas, como exigiu a promessa, não pude recusá-la, pelo menos foi assim que pensei na época. A promessa, portanto, foi feita e deve ser cumprida. Algo deve ser feito por elas assim que saírem de Norland e se instalarem em um novo lar.

— Bem, então, que algo *seja* feito por elas, mas que esse *algo* não seja três mil libras. Pense no fato de que, quando o dinheiro for dividido — acrescentou ela —, ele nunca retornará. Suas irmãs se casarão, e ele desaparecerá para sempre. Se, de fato, pudesse ser devolvido ao nosso pobre menino...

— Ora, com certeza — disse o marido, sério —, isso faria toda a diferença. Talvez chegue o momento em que Harry lamentará que uma soma tão grande lhe foi tirada. Se ele tiver uma família numerosa, por exemplo, seria um montante muito significativo.

— Com certeza seria.

— Talvez, então, seria melhor para todos os envolvidos, se a quantia fosse diminuída pela metade. Quinhentas libras seria um aumento extraordinário da soma que já têm!

— Ah, seria mesmo! Que irmão nesse mundo faria tanto por suas irmãs, mesmo por irmãs *verdadeiras*! E ainda mais meias-irmãs! Mas você tem um espírito tão generoso!

— Longe de mim ser mesquinho — respondeu ele. — Em tais situações, é melhor fazer muito do que pouco. Ninguém, pelo menos, há de pensar que não fiz o suficiente por elas. Nem mesmo elas, que sequer devem esperar tanto.

— Não há como saber o que *elas* esperam — disse a dama —, mas não devemos pensar nas expectativas delas. A questão é o que você tem condições de fazer.

— Decerto. E creio que posso dar quinhentas libras para cada. Assim, sem nenhum acréscimo meu, cada uma delas terá cerca de três mil libras quando a mãe morrer. Uma soma muito adequada para qualquer jovem.

— Sem dúvida. E, de fato, me ocorre que elas podem não querer nenhum acréscimo. Elas terão dez mil libras para dividir entre elas. Se casarem, certamente ficarão bem, e, se não, podem viver confortavelmente dos juros de dez mil libras.

— Isso é verdade e, portanto, levando o todo em conta, talvez seja mais aconselhável fazer algo pela mãe delas enquanto ainda está viva em vez de fazer algo por elas. Digo, algo como uma pensão. Minhas irmãs seriam beneficiadas por isso também. Cem libras por ano as deixariam muito confortáveis.

No entanto, a esposa hesitou um pouco em dar seu consentimento a isso.

— Com certeza — disse ela. — É melhor do que dividir mil e quinhentas libras de uma vez. Mas se Mrs. Dashwood viver mais quinze anos, ficaremos comprometidos por muito tempo.

— Quinze anos, minha querida Fanny! Pelo tempo que lhe resta de vida, dá e sobra.

— Certamente. Mas se você observar bem, as pessoas tendem a viver por uma eternidade quando recebem pensão. E ela é muito forte e saudável, e mal chegou aos quarenta. Uma pensão é um assunto muito sério, um ano após o outro e não há como se livrar dela. Você não sabe o que está fazendo. Vi como pensões são problemáticas de perto, pois minha mãe, pela vontade de meu pai, viu-se obrigada a pagar três pensões a velhos criados aposentados, e é espantoso como ela achava isso desagradável. Essas pensões precisavam ser pagas duas vezes por ano, e tinha o problema de fazer com que o dinheiro chegasse até eles, então um deles foi dado como morto, mas por fim acabou sendo um equívoco. Minha mãe estava farta. Ela não podia fazer o que bem entendesse com sua própria renda, dizia, com tais demandas perpétuas atreladas ao seu dinheiro. E o pior de tudo foi meu pai, porque, caso contrário, o dinheiro teria ficado inteiramente à disposição de minha mãe, sem nenhuma restrição. Tornei-me tão avessa às pensões por causa disso que tenho certeza de que não me comprometeria com o pagamento de uma por nada nesse mundo.

— É realmente algo desagradável — respondeu Mr. Dashwood — ter esse tipo de compromisso anual atrelado à renda de alguém. A pessoa, como sua mãe justamente diz, *não* pode fazer o que bem entende com seu próprio dinheiro. Estar vinculado ao pagamento regular de tal quantia não é de forma alguma desejável. Tira-lhe a independência.

— Sem dúvida. E sequer lhe agradecerão. Elas se sentirão resguardadas, como se você não fizesse mais do que é o esperado, e isso não há de gerar gratidão alguma. Se eu fosse você, o que quer

que eu fizesse deveria ser de acordo com meu poder de decisão. Eu não me obrigaria a dar-lhes qualquer coisa anualmente. Pode ser muito inconveniente durante alguns anos tirar cem, ou mesmo cinquenta libras de nossas próprias despesas.

— Creio que está certa, meu amor. Será melhor que não haja nenhuma pensão. Posso dar-lhes algo de vez em quando e será de maior ajuda do que uma quantia anual, porque elas apenas gastariam mais se tivessem certeza de uma renda maior, isto é, ficariam elas por elas por fim. É evidente que será melhor. Um presente de cinquenta libras de vez em quando evitará que fiquem angustiadas por causa de dinheiro e, penso, irá cumprir integralmente a promessa ao meu pai.

— Com certeza irá. Para dizer a verdade, estou convencida de que seu pai não pensava que você lhes daria qualquer quantia. Suponho que a assistência que ele imaginou foi apenas o que poderia ser esperado de você, como, por exemplo, procurar uma casinha confortável para elas, ajudá-las a levar suas coisas e enviar produtos como peixe, caça, e assim por diante, quando for a época. Posso jurar que ele não quis dizer nada além disso. Na verdade, seria muito estranho e irracional se o fizesse. Mas considere, meu querido Mr. Dashwood, como sua madrastra e as filhas podem viver com excessivo conforto com juros advindos de sete mil libras, além das mil libras de cada uma das moças, o que dá cinquenta libras por ano para cada uma, e, é claro, elas pagarão à mãe pela moradia. Ao todo terão quinhentas libras por ano, e o que mais quatro mulheres podem querer? O custo de vida delas será tão baixo! Quase não terão despesas com a limpeza da casa, não terão carruagem, nenhum cavalo, e quase nenhum criado. Não terão visitas nem despesas de nenhum tipo! Apenas veja como ficarão confortáveis! Quinhentas libras por ano! Não consigo imaginar nem como gastarão metade disso. E quanto a você dar-lhes mais, é deveras absurdo pensar nisso. É mais provável que elas possam dar algo a *você*.

— De fato — disse Mr. Dashwood —, creio que está certa. O pedido de meu pai dificilmente significaria algo além do que o que você diz. Vejo com clareza agora e cumprirei meu compromisso com rigor através dos atos de assistência e bondade para com elas, como você os descreveu. Quando minha madrastra se mudar para outra casa, meus serviços serão prestados de imediato para acomodá-la da maneira que eu puder. Alguma mobília como presente também deverá ser aceitável.

— Certamente — devolveu Mrs. John Dashwood. — Mas, no entanto, *uma* coisa deve ser considerada. Quando seu pai e sua madrastra se mudaram para Norland, embora a mobília de Stanhill tenha sido vendida, toda a porcelana, prataria e roupas de cama foram guardadas e agora foram deixadas para ela. A casa dela, portanto, estará praticamente completa assim que ela se mudar.

— Essa é uma consideração importante, sem dúvida. Um legado realmente valioso! E, no entanto, parte da prataria teria sido um acréscimo muito agradável à nossa.

— Sim, e o conjunto de porcelana do café da manhã é muito mais bonito do que o que pertence a esta casa. Bonito demais, na minha opinião, para qualquer lugar em que *elas* possam morar. Mas, no entanto, é assim que as coisas são: seu pai pensou somente *nelas*. E devo dizer isto: que você não deve nenhuma gratidão especial a ele, nem atenção aos seus desejos, pois sabemos muito bem que, se pudesse, ele teria deixado quase tudo para *elas*.

Esse argumento era irresistível. Deu a suas intenções a justificativa que lhe faltara, e ele finalmente resolveu que seria absolutamente desnecessário, se não altamente indecoroso, fazer mais pela viúva e pelas filhas de seu pai do que as atitudes generosas que a própria esposa mencionou.

Capítulo 3

Mrs. Dashwood permaneceu em Norland por vários meses. Não é que não quisesse se mudar quando a visão do local tão familiar deixou de causar a forte emoção que produziu por um tempo. Quando começou a ficar mais animada e sua mente tornou-se capaz de outro esforço além daquele de aumentar a aflição com lembranças melancólicas, ficou impaciente para ir embora, e foi incansável em suas buscas por uma habitação adequada na região de Norland, pois morar longe daquele local amado era-lhe impossível. Mas não encontrou nada que atendesse às suas noções de conforto e bem-estar, e que atendesse à ponderação da filha mais velha, cujo julgamento mais firme rejeitava várias casas, que a mãe teria aprovado, como grandes demais para sua renda.

O marido a tinha informado da promessa solene de seu filho em benefício delas, o que deu conforto às últimas reflexões terrenas dele. Ela duvidou da sinceridade dessa promessa tanto quanto ele mesmo, mas pensava nisso com satisfação, para o bem das filhas, embora estivesse convencida de que menos do que sete mil libras as sustentariam com abundância. E pelo bem do irmão delas ela se alegrou, e se repreendeu por antes ter sido injusta sobre as qualidades dele, em crer que ele era incapaz de ser generoso. Seu comportamento atencioso para com ela e as irmãs a convenceu de que ele se preocupava com o bem-estar delas e, por muito tempo, confiou na generosidade de suas intenções.

O despeito que sentiu pela nora, logo quando se conheceram, aumentou ao conhecer mais a fundo seu caráter, resultado de meio ano de convivência. E talvez, apesar de toda educação ou afeição materna de sua parte, poderia ter sido impossível para as duas damas morarem juntas por tanto tempo não fosse uma circunstância em especial ter tornado o fato de as filhas continuarem em Norland particularmente desejável segundo a opinião de Mrs. Dashwood.

Essa circunstância era o afeto crescente entre a filha mais velha e o irmão de Mrs. John Dashwood, um jovem e agradável cavalheiro que lhes foi apresentado logo após o estabelecimento da irmã em Norland, e que desde então passava a maior parte de seu tempo lá.

Algumas mães poderiam ter encorajado a intimidade por interesse, pois Edward Ferrars era o filho mais velho de um homem que havia morrido muito rico, e algumas poderiam tê-la reprimido por prudência, pois, exceto uma soma insignificante, toda sua fortuna estava em posse da mãe. Mas Mrs. Dashwood não foi influenciada por nenhum dos dois motivos. Para ela era suficiente ele parecer ser amável e amar a filha, e Elinor ter a mesma predileção. Era contrário a seus valores que qualquer casal que tivesse atração mútua por semelhanças de temperamento deveria ser separado por causa de diferença de posses, e que as qualidades de Elinor não fossem reconhecidas por todos que a conheciam era, para ela, impossível de se compreender.

Edward Ferrars não a cativou por seus encantos ou galanteios. Ele não era bonito, e seus modos exigiam intimidade para torná-los agradáveis. Ele era muito inseguro, mas quando superava a timidez natural, seu comportamento dava todas as indicações de um coração aberto e afetuoso. Era inteligente, e sua educação fortaleceu essa característica. Mas não tinha habilidades nem disposição para atender aos desejos da mãe e da irmã, que ansiavam que ele fosse distinto como... nem conseguiam descrever. Queriam que ele fosse uma figura notável no mundo de uma maneira ou de outra. A mãe desejava que ele se interessasse por política, queria vê-lo no parlamento ou relacionando-se com alguns dos grandes homens da época. Mrs. John Dashwood desejava o mesmo, mas, enquanto isso,

até que uma dessas bênçãos pudesse ser alcançada, sua ambição teria sido atenuada se ele conduziu uma carruagem Barouche. Mas Edward não era propenso a grandes homens ou carruagens. Todos os seus desejos eram centrados no conforto doméstico e no silêncio da vida privada. Felizmente ele tinha um irmão mais novo que era mais promissor.

Edward já estava havia várias semanas na casa quando chamou a atenção de Mrs. Dashwood pela primeira vez, pois naquela época ela estava tão aflita que não dava atenção a nada a sua volta. Apenas notou que ele era quieto e discreto, e gostou dele por isso. Ele não perturbava sua mente infeliz com conversas inoportunas. Foi uma reflexão que Elinor atreveu-se a fazer sobre a diferença entre ele e a irmã dele que a levou a observá-lo melhor — foi uma comparação que o tornou digno de sua atenção.

— É o suficiente — disse ela. — Dizer que ele é diferente de Fanny é o suficiente. Indica que ele é amável. Já o amo.

— Creio que há de gostar dele quando o conhecer melhor — disse Elinor.

— Gostar dele? — respondeu a mãe com um sorriso. — Não sinto nenhum sentimento de aprovação inferior ao amor.

— A senhora pode estimá-lo.

— Nunca soube diferenciar estima e amor.

Mrs. Dashwood agora esforçava-se para conhecê-lo melhor. Os modos dela eram cativantes e logo ele deixou a timidez de lado. Ela rapidamente reconheceu todas as suas qualidades. Seu inegável afeto por Elinor talvez tenha ajudado, mas realmente teve a certeza de que ele era digno. E mesmo seu jeito quieto, o que ia contra todas as suas convicções de como um jovem deveria se portar, já não lhe parecia mais enfadonho quando soube que seu coração era bom e seu temperamento afetuoso.

Assim que percebeu, no comportamento dele com Elinor, indícios de que ele a amava, considerou a união entre eles como certa e ansiava que o casamento acontecesse em breve.

— Daqui a alguns meses, minha querida Marianne — disse ela —, é provável que Elinor terá uma situação estável para sempre. Sentiremos sua falta, mas *ela* será feliz.

— Ah, mamãe, como ficaremos sem ela?

— Meu amor, não será uma separação. Viveremos a poucos quilômetros e nos encontraremos todos os dias. Você ganhará um irmão, um verdadeiro e afetuoso irmão. Tenho Edward em alta conta. Mas você parece preocupada, Marianne. Você desaprova a escolha de sua irmã?

— Talvez a escolha me surpreenda um pouco — disse Marianne. — Edward é muito amável, e eu o amo. Mas ele não é o tipo de jovem... algo lhe falta... ele não tem muita presença, não há aquele encanto que eu esperava do homem que poderia se unir à minha irmã. Seus olhos carecem de todo aquele ânimo, daquela paixão, que indicam virtude e inteligência. E além de tudo isso, mamãe, receio que ele não tenha bom gosto. Ele não parece interessar-se por música, e embora admire os desenhos de Elinor, não é a admiração de uma pessoa que entende o valor deles. É evidente, apesar de sua atenção constante a ela enquanto desenha, que na verdade ele não sabe nada sobre o assunto. Ele admira como um apaixonado, não como um conhecedor. Na minha opinião, seus temperamentos deveriam ser mais parecidos. Eu não poderia ser feliz com um homem cujo gosto não coincidissem em todos os quesitos com o meu. Ele precisará entender meus sentimentos; os mesmos livros, a mesma música deve nos encantar. Ah, mamãe, quão sem espírito, quão monótona foi a leitura de Edward para nós ontem à noite! Sofri muito pela minha irmã. No entanto, ela suportou com tanta compostura que mal parecia perceber. Eu mal conseguia ficar quieta no meu lugar. Ouvir aquelas belas linhas que muitas vezes quase me enlouqueceram, pronunciadas com tanta calma, sem sentimento, com uma indiferença horrenda!

— Seu desempenho certamente seria melhor com a prosa simples e elegante. Mas *você* lhe deu Cowper para ler.

— Ah, mamãe, se ele não consegue se animar com Cowper! Mas devemos considerar a diferença de gosto. Elinor não tem minha sensibilidade e, portanto, pode ignorar isso e ser feliz com ele. Mas *meu* coração teria partido se eu o amasse ao ouvi-lo ler com tão pouco sentimento. Mamãe, quanto mais conheço o mundo, mais fico convencida de que nunca encontrarei um homem a quem possa realmente amar. Sou tão exigente! Ele deve ter todas as virtudes de Edward, e seu porte e boas maneiras devem complementar sua bondade com todo charme possível.

— Lembre-se, meu amor, que você não tem nem dezessete anos. Ainda é muito cedo para se desesperar. Como pode saber se não terá a mesma sorte que eu? Num piscar de olhos, minha querida Marianne, seu destino pode ser diferente do dela!

Capítulo 4

Que pena, Elinor, que Edward não tenha bom gosto para o desenho — disse Marianne.

— Não tem bom gosto para o desenho! — exclamou Elinor. — Por que acha isso? Ele não desenha, é fato, mas tem grande prazer em ver outras pessoas desenhando, e garanto que de forma alguma lhe falta bom gosto, embora não tenha tido oportunidade de aprimorá-lo. Se ele tivesse aprendido, creio que desenharia muito bem. Ele desconfia tanto de seu próprio julgamento em tais assuntos que nunca está disposto a dar sua opinião sobre nenhum desenho, mas tem uma precisão inata e simplicidade de gosto que em geral o levam na direção correta.

Marianne teve medo de ofender a irmã e não disse mais nada sobre o assunto, mas o tipo de aprovação que Elinor descreveu — o entusiasmo dele pelos desenhos de outras pessoas — estava muito longe daquele deleite arrebatador que, em sua opinião, poderia por si só ser chamado de bom gosto. No entanto, embora risse por dentro do equívoco da irmã, respeitou-a por essa predileção cega por Edward, que foi o que a induziu ao erro.

— Espero, Marianne — continuou Elinor —, que você não o considere carente de bom gosto para tudo. Na verdade, creio que posso dizer que não pensa isso, pois seu comportamento com ele é perfeitamente cordial, e se essa fosse sua opinião, tenho certeza de que não conseguiria tratá-lo com cordialidade.

Marianne não sabia o que dizer. Ela não feriria os sentimentos da irmã de forma alguma, mas afirmar o que não acreditava era impossível. Depois de um longo momento, respondeu:

— Não se ofenda, Elinor, se meu elogio a ele não se equipara ao seu entendimento das qualidades dele. Não tive tantas oportunidades como você de analisar os pormenores dos pensamentos dele, suas propensões e seus gostos, mas tenho sua bondade e bom senso em alta conta. Creio que ele é muito digno e amável.

— Tenho certeza — respondeu Elinor, com um sorriso — de que os amigos mais queridos dele ficariam satisfeitos com tal elogio. Você não poderia expressar-se de maneira mais afetuosa.

Marianne ficou feliz de ver que agradara a irmã com tanta facilidade.

— De seu bom senso e bondade — continuou Elinor — penso que ninguém que teve uma conversa franca com ele pode ter dúvida. A excelência de seu intelecto e seus princípios só podem

ser ocultados pela timidez, que muitas vezes o silencia. Você o conhece o suficiente para fazer-lhe jus. Mas dos pormenores de suas propensões, como você mesma disse, tive a oportunidade de conhecê-los mais que você. Temos passado muito tempo juntos, enquanto você tem ficado absorta demais por uma questão que lhe é mais querida junto de nossa mãe. Tenho aprendido muito sobre ele, analisado seus sentimentos e ouvido sua opinião em relação a assuntos de literatura e sobre seu gosto e, no geral, arrisco dizer que sua mente está bem-informada, desfrutando de livros excelentes, sua imaginação é criativa, sua observação é justa e correta, e seu gosto é delicado e puro. Seus talentos progridem em todos os aspectos conforme o conhecemos melhor, assim como seus modos e seu caráter. À primeira vista, ele certamente não é marcante, e dificilmente se pode dizer que é bonito, até que a expressão de seus olhos, que são bons, e a doçura geral de seu semblante sejam notadas. No momento, eu o conheço tão bem que o creio realmente bonito, ou pelo menos, quase isso. O que me diz, Marianne?

— Se não o creio bonito agora, logo o acharei, Elinor. Quando você me diz para amá-lo como a um irmão, não verei mais imperfeição em seu rosto, como agora não vejo em seu coração.

Elinor ficou espantada com essa declaração e lamentou ter se deixado levar pela emoção ao falar dele. Percebeu que tinha grande admiração por Edward. Acreditava que o afeto era mútuo, mas precisava ter mais certeza disso para sentir-se mais confortável com a convicção de Marianne sobre a união deles. Sabia que o que Marianne e sua mãe especulavam como possibilidade em um momento, logo depois passariam a acreditar como uma certeza — que para elas, desejar era ansiar e ansiar era esperar. Tentou explicar como as coisas eram realmente para a irmã.

— Não posso negar que o admiro muito, que o estimo muito, que gosto dele — disse ela.

Marianne aqui explodiu de indignação...

— Estima? Gosta? Que insensível, Elinor! Ah, pior do que insensível! Envergonhada por sentir outra coisa. Use essas palavras outra vez e sairei da sala imediatamente.

Elinor não pôde conter o riso.

— Desculpe-me — disse ela —, e esteja certa de que não quis ofendê-la ao falar de uma forma tão serena de meus próprios sentimentos. Acredite que são mais fortes do que declarei. Acredite, em suma, que sinto por ele o que ele merece, e a suspeita... a esperança de seu afeto por mim não advém de nenhuma imprudência ou loucura minha. Mas não deve acreditar em mais do que isso. Não tenho certeza alguma do afeto dele por mim. Há momentos em que parece duvidoso, e até sabermos quais são os seus sentimentos você não pode questionar meu desejo de evitar incentivar os meus, acreditando ou denominando-os mais do que são. Em meu coração, sinto pouca, quase nenhuma dúvida de sua predileção. Mas há outros pontos a serem considerados além de sua propensão. Ele está muito longe de ser independente. Tudo o que sabemos de sua mãe é pela menção ocasional de Fanny sobre sua conduta e suas opiniões, de acordo com as quais não podemos supor que ela seja amável. E posso estar enganada, mas penso que Edward tem consciência de que haveria muitas dificuldades em seu caminho se desejasse se casar com uma mulher que não tivesse uma grande fortuna ou boa posição.

Marianne ficou surpresa ao descobrir o quanto a sua imaginação e a da mãe haviam ido além da verdade.

— Então você realmente não está noiva dele? — disse ela. — No entanto, tenho certeza de que acontecerá em breve. Mas duas vantagens decorrerão dessa demora. *Eu* não hei de perdê-la tão cedo, e Edward terá mais tempo para aprimorar o gosto natural por sua atividade favorita, o que será indispensável para a felicidade futura de vocês. Ah, se ele pudesse ser estimulado por sua genialidade a ponto de aprender a desenhar. Seria tão encantador!